

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA DO BRASIL NA IMPRENSA ESPANHOLA

RETO MONICO*

RESUMO

Análise do impacto da proclamação da república brasileira no seio da imprensa espanhola por meio de breves estudos de caso.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa espanhola, Brasil, república.

ABSTRACT

Analysis of impact of the proclamation of the Brazilian Republic within the Spanish press through short case studies.

KEYWORDS: Spanish press, Brazil, republic.

Em 1889 a Espanha está em plena Restauração. Durante esse período, que vai desde a queda da primeira república espanhola, em 1874, até à derrota militar contra os Estados-Unidos, em 1898, o país encontra uma certa estabilidade política com o fim das guerras carlistas em 1876, das guerras coloniais dois anos depois, e, sobretudo, graças ao «*turnismo*». Este sistema bipartidista – que se pode comparar em certa medida ao rotativismo das últimas décadas da monarquia em Portugal – foi em grande parte a obra do político Antonio Cánovas del Castillo (1828-1897), chefe do partido conservador. De 1876 a 1913 há uma alternância entre o partido conservador e o partido liberal, este liderado por Páxedes Mateus Sagasta (1825-1903), que está no poder nomeadamente entre 1885 e 1890, durante os primeiros anos da regência da Rainha María Cristina, regência que vai desde o falecimento de Alfonso XII até 1902, quando o filho de ambos, Alfonso XIII, é coroado rei.

No que diz respeito à imprensa, os primeiros anos do novo regime caracterizam-se por leis restrictivas, mas com a chegada dos liberais ao poder, em 1881, a situação muda. A nova lei de julho de 1883 simplifica as práticas necessárias para se poder publicar um novo periódico e suprime a legislação especial. Essa liberdade de

imprensa provoca um aumento dos números de jornais que atinge o seu máximo em 1886.

Os principais diários nacionais são *La Correspondencia de España*, quase sempre filogovernativo *El Liberal*, e *El Imparcial*¹, estes últimos dois liberais. *El Imparcial* tem a maior tiragem entre 1876 e 1900, estimada entre 120 000 e 140 000 exemplares, que parecem poucos em relação, por exemplo, ao *Petit Parisien*, que supera o milhão de cópias mas que, tendo em conta a população de Madrid, de meio-milhão de habitantes, é um número importante. Além de muitos jornais de partido e de muitos outros jornais regionais, vale a pena mencionar o único grande periódico publicado fora de Madrid, o diário de Barcelona *La Vanguardia*, fundado em 1881.

O objetivo deste artigo é analisar como a imprensa espanhola relata, e, sobretudo, comenta a queda do imperador D. Pedro II e a proclamação da República no Brasil, principalmente durante a segunda metade de novembro de 1889. Os jornais consultados, cerca de vinte e cinco, são os principais órgãos de imprensa de Madrid, aos quais acrescentei órgãos de partidos políticos e alguns jornais regionais disponíveis nas várias hemerotecas digitais espanholas.

1 COMO CHEGAM AS NOTÍCIAS DO RIO

A notícia da mudança de regime no Rio de Janeiro chega à Europa no dia 16 de Novembro. Podemos ler nos quotidianos espanhóis desse dia² ou nos do dia seguinte telegramas de Nova Iorque, Londres, Paris e também as notícias publicadas nos jornais portugueses. Os comentários das várias redações são publicados de imediato, nomeadamente desde o domingo dia 17 até à terça-feira dia 19.

O diário monárquico *La Época*, por exemplo, anuncia com um pequeno comentário da redação, na página 3 do dia 16, o fim da monarquia, inserindo telegramas de Paris, de Nova Iorque, e um de Londres, da Agência Fabra: «LONDRES, 16 (2 tarde): Confirmado el triunfo de la revolución de Río Janeiro. El movimiento comenzó ayer. La familia Imperial está en lugar seguro».

¹ *El Heraldo de Madrid*, outro grande jornal «independente» da Restauração, foi fundado em fevereiro de 1890.

² As hemerotecas – salvo raríssimas exceções – têm digitalizado e/ou microfilmado uma só edição diária, mas na altura a grande maioria dos quotidianos saía entre duas e quatro vezes por dia. Por conseguinte, nem sempre é possível saber exactamente quando é que a notícia da proclamação da República foi conhecida pelos leitores dos jornais espanhóis.

El Liberal, logo depois de uma primeira análise ao sucedido, reproduz no dia 17 as notícias enviadas pelo seu correspondente em Londres na tarde do dia anterior, nas quais se faz referência a um telegrama particular de Nova Iorque da manhã do dia 16. Como outros diários madrilenos (*La República*, por exemplo), insere também uma notícia publicada pelo *Comércio do Porto*, de Portugal:

LISBOA, 16: El Comercio de Oporto publica un despacho de Río Janeiro, fechado ayer³, a las tres y cincuenta de la tarde. Dice que la guarnición militar se había sublevado contra el gobierno imperial [...].

Ainda no dia 17, *El Imparcial* — que já comenta o acontecimento —, publica, entre vários outros, um telegrama ainda mais pormenorizado, igualmente da Agência Fabra:

*LONDRES, 16 [1,25 de la madrugada (por el cable de Bilbao)]: Se acaba de recibir un despacho de Nueva York anunciando que una casa de comercio de aquella ciudad recibió un despacho cifrado, fechado en Río Janeiro, concebido en los siguientes términos:
“Ha estallado aquí una revolución.
El ejército brasileño fraterniza con el pueblo.
El ministerio acaba de dimitir.
Los revolucionários se proponen proclamar la república”.*

A grande maioria dos quotidianos reproduzem praticamente os mesmos despachos. Estes três exemplos ilustram, por conseguinte, como e quando o leitor espanhol (e da restante Europa) foi posto a par da mudança de regime no Brasil. Devido também à diferença de fuso horário, as informações chegam ao Velho Continente um ou dois dias depois dos acontecimentos na capital brasileira, provocando uma certa surpresa nas cortes europeias e também entre os editorialistas.

A queda do velho imperador do Brasil foi um tema muito comentado durante alguns dias pelos homens políticos espanhóis, como refere *La Monarquía* do dia 18 de novembro:

*En el salón de conferencias del Congreso, no se habló de otra cosa de la sublevación ocurrida en el Brasil y del acto de ingratitud realizado allá por quienes debían grandes favores al emperador.
Personas verdaderamente conocedoras de la situación política y social del imperio del Brasil, decían que, tan fácil como ha sido sustituir la forma de gobierno imperial, será difícil organizar la*

³ Quer dizer, no próprio dia da queda de D. Pedro.

república, porque la mitad de las provincias quieren la unitaria, y la otra parte, especialmente las del Sur, la federal.

O jornal *El Día* descreve uma festa no Casino Federalista de Madrid onde os republicanos espanhóis celebraram a nova República, provocando algumas reações críticas por parte da imprensa monárquica que censura a atitude «tolerante» do governo espanhol⁴:

En el Casino Federalista pronunciáronse anoche algunos discursos para solemnizar la proclamación de la república en el Brasil, a cuyo Gobierno revolucionario ha dirigido un telegrama de felicitación el comité municipal de Madrid de dicho partido.

Dicho Casino ha iluminado y adornado con colgaduras esta noche sus balcones, en uno de los cuales se ostenta una bandera blanca con estrella, en cuya hasta figura un gorro frigio.

2 UMA SURPRESA TOTAL?

A maioria dos observadores europeus não estava à espera de uma mudança tão radical na antiga colônia portuguesa. Para *La Ilustració Catalana*, de 30 de novembro, foi uma surpresa: ninguém conseguiu prever esta mudança, não houve período de incubação. Segundo *La Monarquía*, de Madrid, a notícia da queda de D. Pedro «caiu como uma bomba em todas as nações da Europa». Um outro diário monárquico, *La Época*, a 17, considera a queda do imperador uma «catástrofe imprevista». *La Vanguardia*, de Barcelona, fica também surpreendido pela proclamação da República, uma vez que o movimento republicano brasileiro era fraco e estava limitado à capital. Para a revista *La España Regional*, de 1889, a queda do regime imperial provocou um «inesperado e geral assombro na Europa».

El Correo Militar, a 18, lembra, no entanto, que «no meio da surpresa geral é preciso recordar que as aspirações republicanas não são uma novidade no Brasil» e que as tendências democráticas presentes no país são «fomentadas indirectamente pela altivez dos aristocratas portugueses». O quotidiano integralista *El Siglo Futuro*, num longo telegrama enviado de Paris e publicado no dia 16, fala de uma «inesperada notícia para o público» mas não para os meios diplomáticos, que já conheciam os progressos do partido republicano e os «desenvolvimentos das sociedades secretas».

Se o quotidiano filo-carlista não fica surpreendido, contradizendo em parte as afirmações de *La Vanguardia*, os jornais

⁴ Veja-se, por exemplo, *La Época*, de 24 de novembro.

republicanos estão eufóricos e saúdam, logicamente, a revolução brasileira que elimina o último monarca do Novo Continente. Foi um «sucesso memorável», afirma *El País*, a 17; é uma «notícia importante», escreve por seu lado o *La República* do mesmo dia, que se regozija com a mudança de regime, tal como o semanário *Las Dominicales del Libre Pensamiento*, que a 23 fala de «grande revolução» que traz alegria ao povos e assombro aos reis europeus e, de um modo particular, ao imperador alemão.

No dia 17 de novembro *El Liberal* resume talvez da melhor maneira a opinião geral: «*Ahora repetiremos que el hecho estaba previsto, por más que nadie pudiese sospechar que durante la vida de D. Pedro II se realizase su destronamiento por medio de un acto revolucionario*».

Por outras palavras, não é a mudança de regime que constituiu uma verdadeira surpresa, mas o facto de os republicanos não terem esperado pela morte natural do imperador como muita gente pensava que fizessem⁵. E o mesmo jornal responde às críticas que surgem contra os republicanos e o povo que não teriam respeitado o imperador: «*Los pueblos van eliminando hasta a buenos monarcas como el emperador de Brasil, porque prefieren regirse a sí mismos a ser regidos por otro*».

El Camarada, revista para jovens publicada em Barcelona, escreve a 30 de novembro que D. Pedro não merecia tudo isso e que os republicanos podiam ter esperado: «*Yo ya sé que los pueblos tienen derecho a ser ingratos, pero... a la verdad... me ha causado mal efecto que le dieran ese ligero disgusto al buen emperador*».

3 REVOLUÇÃO POPULAR OU GOLPE MILITAR?

Hoje sabemos que o 15 de novembro de 1889 foi um passeio militar e que o povo não teve nenhum papel nos acontecimentos que levaram à queda de D. Pedro II. As opiniões da altura podem dividir-se em dois grupos.

Por um lado a imprensa republicana e liberal, como já vimos, exalta a revolução «popular» e a aliança entre o Exército e o povo. O semanário *Las Dominicales del Libre Pensamiento* afirma, perentoriamente, no dia 23, que o general Fonseca «eclipsou

⁵ «*Parece como que existía un convenio tácito entre la opinión republicana y las instituciones vigentes para respetar los últimos días de aquel sabio, prudente y modesto soberano que ha tenido la fortuna de ceñir a su corona acciones nobilísimas y leyes humanitarias, [...]*», *El Liberal*, 17 de novembro.

Darwin e Castelar». Por seu lado, escreve o republicano *El País*, a 17: «*Todos se ha echo allí como una seda, con la enérgica y disciplinada intervención del ejército, en medio del entusiasmo de un pueblo preparado por la libertad y para la República*».

No editorial intitulado «*Los reyes y los pueblos*», publicado no dia seguinte, o jornal republicano de Madrid aprecia os telegramas que chegam do Rio de Janeiro que «dão glória e refrescam os ânimos como uma brisa suave». Felicita os seus coreligionários brasileiros que não esperaram pela evolução natural das coisas, por outras palavras, pela morte do imperador, e atuaram juntamente com o Exército para acelerar o caminho da História, ganhando assim «um tempo precioso»: «*Don Pedro Alcántara anocheció testa coronada, y amaneció testa vacía. Pasó un aire de pueblo y de ejército, y las instituciones sacrosantas quedaron a la calle*».

O entusiasmo lírico de *El País* — que exalta o papel de Deodoro, que define como «homem de bem»⁶ — e a falta de conhecimento da realidade brasileira não lhe permitem analisar a situação com um mínimo de realismo. Na sua edição de 19 de novembro continua a bater na mesma tecla afirmando que o número de soldados da guarnição do Rio de Janeiro chegava apenas a mil homens e, por conseguinte, sem a ajuda do povo a revolução não teria triunfado. Acrescenta também, usando todavia o condicional, que a Marinha deve ter-se levantado da mesma maneira «para completar esta grande Revolução». Também o diário *El Liberal*, analisando as causas da revolução brasileira no seu editorial de 19 de novembro, põe em relevo a força e a vontade do povo. A conclusão do artigo não deixa margem para dúvidas: «*Cuando los pueblos quieren, con todos los aires llueve. Esto es lo cierto*». A revista *La España Regional*, já citada, dá mais relevo ao papel dos militares, sem esquecer completamente o povo. Foi, escreve Carlos Rieimbau, o «ímpetuoso e irresistível movimento do Exército, favoravelmente aceite pelo povo» que num dia só «derrocou um império multiseccular».

No entanto, segundo *La Nueva Lucha*, de Gerona, do dia 20, entre os republicanos espanhóis os sentimentos parecem contraditórios:

[...] *pero de otra se sienten invadidos por la tristeza y la amargura al ver que hace 16 años se vienen agitando en el vacío, sin conseguir*

⁶ *El País*, 21 nov. 1889: «*Deodoro Fonseca se encargó del Brasil, y lo dirige como un gerifalte*». No mesmo artigo o analista republicano acha que os revolucionários brasileiros organizaram «admiravelmente» a tomada do poder.

otra cosa que fracasos, desfallecimientos y desunión, viendo transcurrir el tiempo sin esperanza para su causa.

Do outro lado do xadrez político, *La Época*, a 17, acusa os republicanos de procurar causas inexistentes e de negar que foi claramente uma revolta militar. Nos vários artigos que consagra ao Brasil, o diário monárquico de Madrid repete o mesmo argumento, contestando radicalmente a análise dos republicanos espanhóis:

Cuantas más noticias y pormenores llegan acerca de los sucesos del Brasil, más claro aparece que lo que allí ha ocurrido fué un pronunciamiento militar, como venimos sosteniendo hace tres días (19 nov.).

Más que nunca convienen las noticias que llegan del Brasil en que han sido infundadas y mezquinas, para tan grandes efectos, las causas de la revolución. Ni un solo despacho, ni un solo informe atribuye carácter popular y espontáneo a la insurrección; fué un pronunciamiento, y no otra cosa (22 nov.).

Todavía, não são só os periódicos filo-monárquicos que sublinham a falta de participação popular na queda do regime imperial. O semanário *Barcelona Cómica* exprime, sem meios-termos, a sua profunda desilusão num comentário publicado a 28 de novembro: «*Nosotros queríamos una república sin clérigos ni militares y la del Brasil queda por el momento bajo el sable del militarismo*», e acrescenta que tudo isso é de «mau augúrio». *La Rioja*, de Logroño, a 19, não tem dúvidas: foi uma vitória do militarismo e não do povo, e cita a opinião de um republicano espanhol que teria afirmado: «*antes que la república alcanzada por esa forma, prefiero una monarquía como la del emperador don Pedro*».

4 AS CAUSAS

a) A família imperial

Uma grande parte dos editoriais tenta explicar as causas da vitória republicana concentrando, naturalmente, na figura e no papel do ex-soberano uma parcela significativa das análises. Quase todos realçam as qualidades humanas e intelectuais do imperador, como o republicano *El País*, no seu editorial de dia 17: «*Poucos hombres han llevado la corona y el cetro en la tierra haciéndole sentir menos a su pueblo. Era un emperador bondadoso y patriarcal. No gustaba derramar la sangre humana*».

D. Pedro, escreve *La Época* a 18 de novembro, não era um soberano como os outros. Até parecia um monarca republicano, afirma o diário monárquico da capital espanhola:

El Emperador D. Pedro Alcántara no era efectivamente un Soberano cortado al antiguo patrón de la historia. Por sus costumbres ciudadanas, casi populares, por los hábitos de su vida, por las aficiones de su culto espíritu, por los sentimientos de humanidad y templanza. Por todas las virtudes universalmente reconocidas que le adornaba, el emperador D. Pedro se erigía en el primer virtuoso ciudadano de una República modelo.

La Monarquía, a 17 de novembro, acha também que o antigo soberano, além de ser simpático e afável, era liberal, amante das artes, da ciência, do comércio, da indústria e das novidades tecnológicas. Para o *Nuevo Progreso*, o imperador é uma boa pessoa, muito culta, que contribuiu para a prosperidade do Brasil. Agora tem tempo, acrescenta com uma ponta de ironia o periódico de Salamanca, no mesmo comentário de dia 19, para se dedicar à arte e à literatura.

No meio desses numerosos elogios aparecem, no entanto, algumas críticas. *El Correo Militar*, a 19, retomando uma análise do *Daily Telegraph*, sublinha o facto de o ex-imperador, demasiado obsorvido pelas ciências e pelas letras, não ter manifestado muitas simpatias pelo Exército⁷; por isso este se revoltou, e isso devia servir de lição e de inspiração para a política dos «governantes de outros países». *El Liberal*, a 19, afirma: «*Le han dicho que se fuera y se ha marchado*». Por outras palavras, era fraco mas tomou, no entanto, a decisão certa, afirma o mesmo diário, que recorda o caso de Luís XVI, de França, ou de Carlos I, de Inglaterra, dois reis que acabaram por perder o trono. No dia 25 o mesmo jornal sintetiza em poucas palavras o seu ponto de vista sobre o imperador e a revolução: «*En Brasil, ha inaugurado brillantemente una nueva especie de revolución: la de los pueblos bien educados y de los monarcas resignados*».

Estes pontos fracos do antigo soberano são também analisados pelo periódico *La Época*, segundo o qual, a debilidade do poder de D. Pedro se deveu a ter sido demasiado

⁷ O mesmo argumento encontra-se no *Diario de Gerona*, a 18 de novembro: «[...] otros lo explican por el desafecto que hacia D. Pedro tenia el ejército, por razón de que como hombre de ciencia, no manifestaba sinpatía alguna por el elemento militar».

«condescendente» para com os «radicais das escolas democráticas» e, por conseguinte, faltou-lhe a autoridade suficiente.

O mais duro para com o ex-imperador é *El Siglo Futuro*. Para que servem as qualidades do homem? – pergunta o quotidiano integralista no seu editorial de dia 18:

Dicen que D. Pedro II tiene carácter dulce y prendas personales que le granjean el afecto de cuantos le tratan; pero, ¿de que sirven estas dotes, si a las cualidades del hombre no corresponden las cualidades del soberano? Han de ser estas de tal naturaleza que, no sólo despiertan el afecto hacia la persona, sino el respeto hacia la autoridad y el amor hacia la institución.

E o diário carlista expõe a tese que para ele é uma regra de ouro: quando uma monarquia é liberal, faz demasiadas concessões à revolução e acaba por ser vítima dessa mesma revolução:

Pero el hecho evidente, y que por sí solo explica todo lo ocurrido en el Brasil, es que allí la monarquía se había aliado con la revolución, y que cuando la revolución ha creído que ya no necesitaba de la monarquía, ha prescindido de ella, sin que el derrocarla le haya costado ni una gota de sangre ni una mala batalla. La monarquía brasileña ha caído como árbol de raíces podridas que al menor empuje se abate sin oponer resistencia.

Esta análise das monarquias, aliadas e cúmplices dos revolucionários e dos maçons, será utilizada pelo mesmo jornal para explicar o regicídio de Lisboa, em 1908, e a queda de D. Manuel, em 1910⁸. Para ele existe apenas a monarquia de Direito Divino, na qual um rei deve governar segundo os princípios de Deus e pensar no bem dos súbditos. D. Pedro era um imperador que estava na moda, aliado à maçonaria⁹, ao liberalismo e à revolução e nem sequer teve o povo do seu lado:

⁸ Veja-se VIEIRA, Joaquim; MONICO, Reto. *Mataram o Rei! O Regicídio na imprensa internacional*. Lisboa: Pedra da Lua, 2007; e MONICO, Reto; VIEIRA, Joaquim. *República em Portugal*: o 5 de Outubro na imprensa internacional. Lisboa: Pedra da Lua, 2010.

⁹ *El Mahonés*, bisemanário católico da vila da Maó, nas Baleares, escreve a 23 de novembro: «En el “Quadro geral do grande Oriente unido e supremo conselho do Brasil”, figuran acupando altos puestos las personas que en los telegramas de América aparecen como dirigiendo el movimiento revolucionario de la capital del Brasil. Puede afirmarse, pues, sin pecar de temerarios que la masonería no ha sido extraña al movimiento revolucionario que nos ocupa».

Ni una provincia, ni un regimiento, ni un peletón de paisanos, ni una docena de hombres, que, irritados ante el espectáculo de un rey vendido por sus súbditos, de un emperador engañado por amigos y enemigos, se haya lanzado a la calle al grito de ¡viva el emperador! ¡abajo los revolucionarios!

Nada de esto; el pueblo del Brasil no ha sentido poco ni mucho la salida del que fue su emperador, y se ha contentado con despedirle cortesemente y con desearle buen viaje.¹⁰

No fundo, nota ironicamente *La República*, do dia 17, não houve uma grande mudança para os os brasileiros que já estavam habituados a viver sem D. Pedro:

[...] la verdad es que los brasileños, acostumbrados a tener casi siempre a su emperador viajando por Europa, no podían menos de concluir por convencerse de que podían pasarse admirablemente sin ese monarca honorario.

Se a personalidade de D. Pedro tem muitos defensores, a filha, D. Isabel, acusada de ser filo-clerical e, sobretudo, o genro, o conde de Eu, fazem quase a unanimidade contra eles. Para muitos jornais, uma das causas principais para a revolução republicana foi prevenir uma tomada de posse a curto prazo da filha e do genro, considerando a idade do imperador.

Segundo *El Liberal*, do dia 18, o conde de Eu foi «a má sorte de D. Pedro». O republicano *El País*, a 17, depois de ter longamente elogiado a obra e a personalidade do ex-imperador, escreve:

Tuvo no obstante la desgracia de abrir las puertas de su palacio a un príncipe de la funesta casa de Orléans, que lleva la maldición y la ruina a todas partes, y desde entonces, en la previsión de que la corona, al caer al golpe de ma muerte de las sienes de D. Pedro, había de heredarla un odiado extranjero, comenzó al agitación en el Brasil, que ha provocado la catástrofe final.

O mesmo quotidiano, na sua edição de dia 21 de novembro, cita um jornal português que compara o Brasil a uma casa onde há uma fuga de gás. Só as pessoas com bom olfato podem cheirar o perigo, mas quando se acende um fósforo tudo explode: «*Por lo que se ve, el emperador y sus ministros no son hombres de buena nariz*», conclui o editorialista espanhol. Por outras palavras, a classe política no poder durante o fim do reinado de D. Pedro partilha com o ex-imperador a responsabilidade da derrota do regime

¹⁰ *El Siglo Futuro*, 23 nov. 1889.

b) A abolição da escravatura

O outro argumento citado com muita frequência pelos analistas espanhóis é o da abolição da escravatura no Brasil, em 1888 — medida muito elogiada pela imprensa monárquica —, que teria tirado ao regime o apoio da classe conservadora, facilitando dessa maneira a tomada do poder pela parte republicana.

O *El País*, logo no editorial de dia 17, diz claramente que os conservadores brasileiros sentiram um «terramoto económico» e que muitos deles se arruinaram. «Viraram as costas» ao regime que tinha emancipado os escravos, «encolheram os ombros e deixaram subir a maré republicana». Sem aquela medida «emancipadora» teriam combatido a revolução. Por conseguinte, a responsabilidade dessa classe de proprietários latifundiária é enorme, porque «criaram um vazio à volta do império».

No dia 19, *El Liberal* diz que os proprietários de escravos apoiaram a monarquia, não por «amor puro e platónico para a instituição», mas porque o regime defendia os seus interesses, como prova a atitude que tomaram depois da libertação dos escravos.

O analista do monárquico *La Época*, a 17, concorda com os seus colegas filo-republicanos:

Tenemos motivos para creer que a los republicanos de abolengo se han unido ahora, por virtud de las circunstancias, algunos elementos valiosos, a los que no ha inspirado tan sólo, de fijo, el fervor por las ideas políticas. Los grandes propietarios de esclavos a quienes se arrebató su propiedad de golpe y sin compensación alguna, estaban disgustadísimos.

O que mais nos pode surpreender é ler uma crítica, embora matizada, a esta abolição «aplicada de forma tão radical» no quotidiano *La República*, que publica no dia 21 de novembro uma carta de García Fernandes, seu correspondente em Paris:

Dar libertad a los esclavos tenía el inconveniente de que al ser libres nadie podría obligarles a trabajar, y por consiguiente era para ellos la miseria.

En cuanto al país, su obligación es vigilar por la prosperidad de la riqueza pública, y una medida tan radical podría comprometerla, porque bajo pretexto de hacer desaparecer una causa de agitación, se exponían a producir un desorden general.

c) As outras causas

A atitude da família imperial e a abolição da escravatura são as duas grandes explicações que os analistas espanhóis utilizam para tentar compreender a mudança de regime no Brasil. Porém, não são as únicas. O mesmo correspondente do jornal republicano citado no parágrafo anterior, por exemplo, vê outra grande causa: a dissolução do parlamento por parte de D. Pedro, que deu a maioria à oposição e essa oposição nesses últimos tempos «tomou um carácter revolucionário». Além disso, o fato de o Império brasileiro ter só repúblicas nas fronteiras ajudou também à mudança e uma «faísca» — e aqui refere-se ao descontentamento dos militares — foi suficiente para mudar o regime.

Os dois jornais de Madrid, *El Imparcial*, do dia 17, e *El Correo Militar*, do dia seguinte, enumeram várias outras razões que, segundo eles, levaram à revolução: as intrigas, o déficite público, o afastamento do clero depois dos fatos de 1873, quando D. Pedro autorizou o governo a negar o *Placet* (o concordo) à bula papal contra a maçonaria, a desordem administrativa. Tudo isso, juntamente com a «pusilanimidade dos políticos governamentais», levou, sem grandes surpresas, pelo menos no Brasil — e também na Europa, se se conhecesse «o carácter e o espírito dos povos americanos» — aos acontecimentos de 15 de novembro. No dia 21, citando *Le Gaulois*, que na véspera entrevistara o ministro brasileiro em Paris, *El Imparcial* menciona também a popularidade de Deodoro da Fonseca no Exército e a sua hostilidade para com o genro do imperador. Dois dias antes, *El Liberal* tinha sido ainda mais explícito: «*El general Heliodoro da Fonseca [sic!], rival del conde de Eu, provocó la revolución para impedir que ocupara el trono una princesa odiada*».

Por seu lado, *La Vanguardia*, de dia 18, menciona acontecimentos mais recentes que agravaram as tensões políticas: a viagem do imperador e a regência da filha, que deixou o governo nas mãos dos conservadores, os quais propuseram a abolição da escravatura sem indemnizações; os conflitos entre os próprios conservadores; depois do regresso de D. Pedro houve novas eleições e grandes dificuldades em formar um novo governo. O madrilenho *El País* fala também no seu comentário do dia 18 no descontentamento do Exército depois da substituição do ministro da guerra.

Três periódicos mencionam outro aspeto: o papel dos Estados Unidos. Durante o Congresso americanista, refere *El Correo Militar*, a 21, os delegados dos Estados-Unidos foram os que manifestaram o maior entusiasmo depois de terem sabido da proclamação da

República no Rio, e acrescenta: «Los norteamericanos creen que el triunfo de la revolución del Brasil contribuirá al éxito final de la doctrina de Monroe, que se resume en la conocida frase de “América para los americanos”».

Segundo *La Época*, de dia 24, o Brasil imperial constituía um travão à política dos norte-americanos. Com a república as coisas mudarão, e para pior:

Establecida la República en el Brasil, y unida desde luego a la de los Estados Unidos, pierde el zollverein americano el voto de más peso y eficacia que había para contrarrestar la invasora política yankee, y el comercio europeo de exportación habrá de sufrir, si Dios no lo remedia, grandísimo quebranto.

La Ilustración, de dia 1 de dezembro, defende a mesma opinião. O império representava «um contrapeso a favor da Europa» num continente quase todo republicano. Esta revolução rompe «as amarras» que ligavam o Brasil ao Velho Continente e vai permitir ainda mais a aplicação da doutrina Monroe.

Para terminar este subcapítulo, duas considerações mais ponderadas, tiradas de *El Imparcial*. Na primeira, publicada logo no dia 17, o editoralista sublinha que uma revolução nunca é fruto do acaso, as origens são múltiplas e complexas:

Los que así discurren olvidan que las revoluciones no se improvisan, que nunca son hijas de pequeñas intrigas y de conjuraciones de unos cuantos ambiciosos y que se necesita la conjunción de muchas voluntades, el paralelismo de muchos intereses, el acuerdo de pasiones muy violentas y el empuje de caldeados entusiasmos, para que se realice bruscamente una de esas transformaciones que constituyen época en la vida de los pueblos y representan una nueva dirección en el camino que éstos recorren.

Na segunda, publicada no dia seguinte, o analista do quotidiano de Madrid crítica indiretamente os comentários um pouco simplistas e as análises demasiado estereotipadas que se lêem nos jornais espanhóis de sábado e domingo, dias 16 e 17 de novembro. Os europeus desconhecem a realidade do Novo Continente e precisavam de mais tempo para se informarem e emitirem assim uma opinião fundamentada:

Indudablemente los apasionamientos políticos no alcanzan, al parecer, hoy por hoy, extraordinario grado de exacerbación, y dado el carácter de los brasileños, nada tendría de sorprendente que el buen

sentido se sobrepusiera al despecho y a la intransigencia, y que aun las provincias menos revolucionárias respecten la futura organización republicana. Mas como el malestar económico, consecuencia inmediata de todo cambio brusco en la constitución de los Estados, y los abusos de los vencedores pudieran despertar protestas y descontentos, temerario sería formular juicios terminantes y absurdos, pretender medir la importancia de la revolución brasileña cuando aún está en sus comienzos y las noticias telegráficas pudieran ser muy deficientes.

5 CONSEQUENCIAS PARA AS MONARQUIAS EUROPEIAS

A queda de D. Pedro serve naturalmente de pretexto para falar dos regimes monárquicos europeus: no campo republicano, evoca-se a probabilidade e a esperança duma mudança desses regimes; do lado monárquico, há receio, às vezes medo, de que o movimento republicano tome mais força, mas também a vontade de confirmar que, nomeadamente em Espanha, a monarquia tem raízes muito sólidas. Em alguns órgãos de imprensa chega-se a mencionar também uma eventual intervenção estrangeira, alemã em particular, mas a notícia não tem fundamento, como escreve, a 23, *El Siglo Futuro*.

No dia 17, o quotidiano *El País*, que sonha com uma república ibérica, dá uma interpretação muito pessoal das consequências dos acontecimentos brasileiros em Espanha: «*El triunfo de la Revolución en el Brasil ha llenado de pavor a los monárquicos; y decimos esto, porque ninguno de ellos sabían ocultarlo, a pesar de los esfuerzos que hacían para no manifestarlo exteriormente*».¹¹

O mesmo editorial debruça-se sobre a situação em Portugal, onde a morte do rei D. Luís e a queda de D. Pedro no Brasil podem acelerar a mudança de regime. Além disso, agora que no continente americano só há republicas, espera-se que a Europa siga o mesmo caminho, continua o articulista republicano de Madrid, que conclui a sua análise com uma afirmação muito categórica: «*Algunos años más, y la monarquía pasará a ser una institución asiática e africana; lo que debió ser siempre*».

Com um certo paternalismo o semanário *Las Dominicales del Libre Pensamiento* afirma, a 23 de novembro, que o Brasil e os

¹¹ A 25, depois do General Martinez Campos ter declarado que se deu demasiada liberdade aos republicanos espanhóis para festejar os recentes acontecimentos do Brasil, o quotidiano republicano volta ao assunto ironizando sobre o medo dos monárquicos espanhóis relativamente a factos que tiveram lugar a milhares de léguas da Península. Acrescenta que em Cuba a queda de D. Pedro provocou «uma grande sensação».

estados sul-americanos são os «jovens», os «filhos», e que a Espanha e Portugal os «homens feitos», os «pais». Por conseguinte, se eles, contrariamente aos dois Estados peninsulares, eram quase desconhecidos e conseguiram ter repúblicas, os espanhóis, os portugueses e todos os europeus têm mais do que a capacidade para fazer o mesmo.

Sobre Portugal, o semanário satírico catalão *Campana de Gracia* propõe, a 28 de dezembro, uma troca de favores: «Os povos bem-educados retribuem os favores que recebem. Portugal levou um imperador ao Brasil, seria justo que o Brasil [...] enviasse uma República a Portugal. Assim ficaríamos em paz e contentes os dois»¹².

Tal como o seu colega republicano, o semanário *Las Dominicales del Libre Pensamiento* — que já no dia 23 tinha falado de soberanos europeus aterrorizados pela queda do imperador — agora a 30 de novembro exagera as reações dos dirigentes espanhóis que «tremem à sombra de Fonseca», afirmando que a «República brasileira está a mudar os Ministérios em Espanha». A 15 de dezembro, o mesmo periódico maçónico, depois de ter falado da adesão às instituições republicanas de antigos funcionários da imperatriz do Brasil, envia um aviso aos outros monarcas: «*Abran los ojos los emperadores y reyes sobre la fidelidad que les preparan los que hoy les besan servilmente la mano*».

Ao contrário, *La Época*, de 18 de novembro, não acredita que os dois países ibéricos possam sofrer consequências significativas e lança uma crítica ao governo espanhol: «*España hace tiempo que también desea sentirse enérgicamente gobernada*».

É o integralista *El Siglo Futuro* que mais se debruça sobre esta temática. No dia 20 de novembro fala claramente de contágio possível para os regimes monárquicos europeus. Em primeiro lugar está Portugal:

El vicino está minado por la revolución y la masonería; en el vecino reino acaba de subir al trono un príncipe joven aún, que no ha podido grangearse todavía como monarca el respeto y el amor de sus súbditos, y que por añadidura ha hecho alarde en varias ocasiones de tendencias y gustos racionalistas; en Portugal reina una monarquía de abolengo y significación revolucionarias. ¿Será mucho predecir que la revolución prescindirá de ella como ha prescindido de la del Brasil y de tantas otras que la han servido ciega y neciamente?

¹² As citações em castelhano mantiveram-se nessa língua por ser de fácil leitura e compreensão. Esta citação em catalão foi traduzida para português.

Para os restantes países, talvez as coisas possam acontecer como em 1848:

¿Y si en Portugal ocurriese el cambio político que muchos temen? ¿no sentirían amenazadas otras monarquías en Europa? [...] ¿Que sería de las monarquías europeas, puestas todas, como están, al servicio de la revolución y debilitadas por ella? Poco tardaría en comunicarse de una nación a otra el incendio republicano [...].

O que se passou no Brasil pode «servir de exemplo na Europa», continua o editorialista, que mais uma vez bate na mesma tecla: as monarquias que pactuaram e que pactuam com a revolução vão morrer às mãos dos revolucionários. E no dia 23 o editorialista de quotidiano integralista reitera o seu ponto de vista afirmando que não acredita num regresso ao trono do imperador D. Pedro.

6 ALGUMAS POLÊMICAS JORNALÍSTICAS

Os acontecimentos de política externa servem muitas vezes de pretexto para polemizar com os adversários políticos e ideológicos e a revolução republicana no Rio de Janeiro não constitui uma exceção. Em geral, os quodianos liberais e republicanos acusam os monárquicos e vice-versa.

Por exemplo, *El Liberal*, a 18, não admite a crítica e a reserva dos jornais monárquicos a propósito dos telegramas vindos do Rio de Janeiro, com a alegação de que eram controlados pelas novas autoridades. Se tivessem ganho os partidários de D. Pedro, acrescenta o editorialista, eles também teriam, por sua vez, controlado esse meio de comunicação e todos teriam acreditado no que diziam¹³.

Na sua edição de 18 de novembro, *La Monarquía* tenta expor as contradições do campo oposto e, nomeadamente, de *El País* e de *El Globo*. Cita as afirmações do primeiro que muito elogia o ex-imperador e o seu regime liberal. Dessa maneira, pergunta o diário monárquico, como se explica esta revolução contra um regime que

¹³ O mesmo quoditiano publica, quatro dias mais tarde, um editorial sobre o poder dos generais e dos reis na História, em resposta a um artigo sobre o mesmo tema de *La Fé*, citando o exemplo do general da Fonseca para ilustrar a figura de um «general poderoso» perante um rei fraco: «*Han llegado los tiempos de los reyes débiles, y los generales poderosos se han tomado la revancha. Han vengado los muchos agravios recibidos*».

era quase uma «república com um rei»? No fundo, o próprio *El País* demonstrou com as suas afirmações muito positivas em relação a D. Pedro que os seus correligionários brasileiros cometeram uma «iniquidade» porque se sublevaram contra «um imperador bondoso». Em relação a *El Globo*, *La Monarquía* não concorda que não tenha havido sangue derramado no Brasil, porque «ferir mortalmente» um ministro e «destituir o monarca» são prova suficiente de que houve. Considerando que os republicanos espanhóis andam muito entusiasmados com o Brasil, os jornais monárquicos convidam-nos a mudar de país e dedicam-lhes um pequeno soneto:

*Andan los republicanos
locos con lo del Brasil;
pues, señores, buen remedio,
Váyanse ustedes allí.*¹⁴

A 18 de novembro, o diário popular e anticlerical *El País*, cita o jornal *La Época* da véspera, segundo o qual ninguém ignorava que D. Pedro nunca permitiria que alguém morresse por sua causa e que sempre se submeteria à vontade do povo. Se toda a gente o sabia, polemiza então o quotidiano republicano de Madrid, era inútil recordá-lo. Além disso, com essa afirmação, *La Época* explica, sem o querer, a atitude passiva do ex-monarca perante a revolução.

O carlista *El Correo Español* é também atacado pelos seus colegas republicanos, concretamente pelo *El País*, a 17 de novembro:

*El Correo califica la proclamación de la República en el Brasil, de suceso que "viola las leyes del orden y de la disciplina".
Si señor.
Como la violó la Revolución de septiembre, hecha con el concurso del Sr. Sagasta.
Y gracias a esas violaciones vive El Correo y mascan sus amigos.*

Reparar-se-á que as feridas depois da curta experiência da I República espanhola ainda estão por cicatrizar.

La República, a 19, cita o editorial do jornal integralista do dia anterior sobre as monarquias de direito divino:

¹⁴ *La Monarquía*, 18 nov.

El Correo Español dedica su editorial de ayer a hacer comentarios sobre el movimiento político iniciado ultimamente en el ex imperio del Brasil, titulando dicho artículo.

“Una ficción menos y una República más”.

Bueno es saberlo.

De manera que los carlistas califican de ficción todas las monarquías que no son absolutas.

Estamos conformes.

Sólo que nosotros vamos más allá y no admitimos distinguos.

Segundo o quotidiano republicano, todas as monarquias são semelhantes, pelo que todas devem ser substituídas por repúblicas

Por seu lado, a *Campana de Gracia*, de Barcelona, a 23, ironiza sobre a crítica dos monárquicos espanhóis perante a fraqueza do imperador. Teriam preferido uma resistência com muitas vítimas? – pergunta o semanário satírico.

7 O FUTURO DO BRASIL

O semanário *Las Dominicales del Libre Pensamiento*, de 14 de dezembro, reproduz um artigo do *Times* no qual o quotidiano londrino prevê o desmembramento do Brasil¹⁵ e o início de um período de «*pronunciamientos*»¹⁶. São estes os dois grandes temas tratados pela imprensa espanhola quando se debruça sobre o futuro do regime republicano no Brasil. O periódico maçónico de Madrid acha que o país pode resolver o problema criando uma república federativa e espera, naturalmente, que o *Times* se engane no que diz respeito a uma guerra civil, que seria «repugnante»; porém, seria menos repugnante do que a política inglesa que aponta «ao coração de Espanha» os canhões instalados em Gibraltar.

La República não tem receio de uma eventual guerra civil. A revolução foi pacífica, mas se houver dificuldades não se deve ter medo, devem enfrentar-se todos os obstáculos para «o triunfo da liberdade». Os outros Estados do subcontinente tiveram que passar por várias provações, mas nunca renegaram a forma republicana¹⁷.

¹⁵ Veja-se, por exemplo, *La Época*, de 24 de novembro de 1889, que cita um artigo do *Tempo*, de Lisboa; «*Añade que la proclamación de la República en el Brasil es el presagio de la próxima división del país y la formación de tres Estados nuevos [...]*».

¹⁶ Veja-se, entre outros, a revista *Barcelona Cómica*, de 28 de novembro de 1889: «*[...] hasta que el elemento civil se abra camino para ocupar el puesto que le corresponde, han de pasar algunos años de luchas intestinas*».

¹⁷ «*La República brasileña*», *La República*, 19 nov. 1889.

Muito mais pessimista é *La Rioja*, de Logroño, a 19:

Unos cuantos militares han proclamando la república porque los soldados han seguido como corderos ¿y para que? Para que principie um periodo de dictadura y guerras civiles que les sumirá un siglo, igual que a sus repúblicas hermanas, que aún cuentan con insurrecciones cada lunes y cada martes.

Carlos Riembau, na conclusão do artigo já citado da revista *La España Regional*, não tem dúvidas: «A nova república encontrará, sem dúvida, grandes dificuldades», nomeadamente as «tentativas separatistas» do Norte do país, menos implicado no movimento revolucionário.

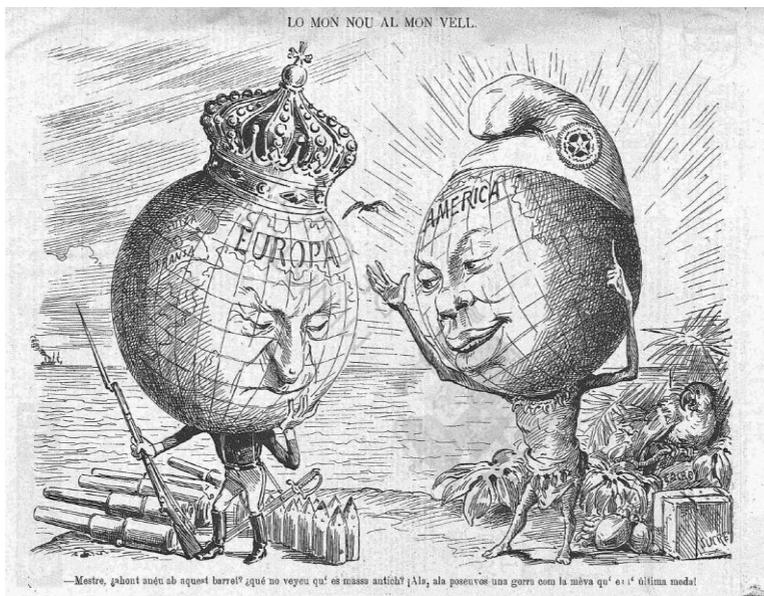
La Ilustración, de Madrid, também se preocupa com o futuro do país, mas a mais longo prazo. No dia 1 de dezembro, publica um longo artigo que começa com o descobrimento do país, em 1500, e que termina com a proclamação da República, que foi o «último capítulo da independência do Brasil, que contribuiu para a realização da teoria de Monroe». O jornalista espanhol debruça-se sobre a demografia do país que poderá ter um dia 400 milhões habitantes e prevê que a «raça portuguesa» continuará a prevalecer: «*Los habitantes de las orillas del Amazonas y de sus numerosos afluentes siempre hablarán la dulcísima lengua de Camoens*». Menos proféticas parecem hoje as suas previsões sobre o futuro do continente sul-americano; o semanário ilustrado prevê um futuro com dois Estados: os Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos de la Plata.

8 BREVE NOTA FINAL

A queda de D. Pedro e a proclamação da República no Rio de Janeiro teve um grande impacto durante cerca de dez dias em todos os jornais espanhóis. As várias redações não se limitam a relatar os factos reproduzindo os telegramas que chegam à Europa a partir de sábado, 16 de novembro de 1889, mas interpretam os acontecimentos e, sobretudo, tentam explicar as causas da queda dum imperador tão popular e tão «*bondadoso*».

As interpretações são multifacetadas e apresentam, no conjunto, quase todas as razões evocadas hoje em dia pelos historiadores que estudam a queda do regime imperial. Porém, as análises encontradas nos vários editoriais referidos no presente artigo têm a ver tanto com a realidade brasileira da altura como com

a política interna espanhola. Os entusiamos republicanos, de um lado, as críticas dos periódicos monárquicos, do outro lado, referem-se ao novo Brasil republicano e a D. Pedro, mas têm sempre como pano de fundo a realidade europeia — dominada então pelos regimes monárquicos — e a espanhola, em particular. Não nos esqueçamos de que a restauração borbônica em Espanha, que derrubou a I República espanhola, em dezembro de 1874, é relativamente recente. No final de 1889, quinze anos depois, as feridas estão ainda bem abertas.



Campana de Gracia, 23 nov. 1889



Campana de Gracia, 14 dez. 1889

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

PERIÓDICOS CONSULTADOS

De Madrid: *La Correspondencia de España, El Correo Militar, El Día, Las Dominicales del Libre Pensamiento, La Época, La Ilustración, El Imparcial, El Liberal, La Monarquía, El Motín, El País, La República, El Siglo Futuro*;

De Barcelona: *Barcelona Cómica, El Camarada, Campana de Gracia, La Vanguardia, La Il·lustració Catalana, La España Regional*;

Outros periódicos: *El Alicantino* (Alicante), *El Defensor de Granada, Diario de Gerona, La Nueva Lucha* (Gerona), *La Rioja* (Logroño), *El Mahonés* (Maó, Menorca, Baleares), *El Nuevo Progreso* (Salamanca).

OBRAS

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. da USP, 1994.

FUSI, Juan Pablo; PALAFOX, Jordi. *España: 1808-1996. El Desafío de la Modernidad*. Madrid: Espasa Calpe, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: BCD, 1997. v. 5: Do Império à República.

MONICO, Reto; VIEIRA, Joaquim. *República em Portugal: o 5 de Outubro na imprensa internacional*. Lisboa: Pedra da Lua, 2010.

QUINTERO, Alexandro Pizarroso (ed.). *Historia de la prensa*. Madrid: Estudios Ramón Areces, 1994.

SAÍZ, María Dolores; SEOANE, María Cruz. *Historia del periodismo en España*. Madrid: Alianza, 1983. 2: El Siglo XIX.

SCHWARZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

VIEIRA, Joaquim; MONICO, Reto. *Matarem o Rei!: o regicídio na imprensa internacional*. Lisboa: Pedra da Lua, 2007.